



DL-01

Ses. Esp. 19/05/11

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em comemoração ao bicentenário da imprensa da Bahia, uma homenagem aos profissionais da imprensa, proposta pela deputada Luiza Maia.

Convido para compor a Mesa a proponente desta sessão, deputada Luiza Maia, o Sr. Secretário de Comunicação Social do Estado da Bahia, Robinson Almeida, representando o governador Jaques Wagner, o deputado federal Emiliano José, a Sr^a Diretora da Fundação Pedro Calmon, Ivanise Azevedo, representando o Sr. Secretário da Cultura Albino Rubin, o Sr. Presidente da Associação Baiana de Imprensa, Walter Pinheiro, o Sr. Vice-Presidente da Associação Baiana de Imprensa, Ernesto Marques, o Sr. Diretor-geral do jornal *A Tarde*, Edvaldo Boaventura, a Sr^a Presidenta do Sindicato dos Jornalistas, Marjorie Moura, o Sr. Diretor do Grupo Tortura Nunca Mais, Joviniano Neto, o Sr. Presidente da Associação Baiana de Jornalismo Digital, Ricardo Luzvel, o Sr. Professor Diretor da Faculdade de Comunicação da UFBA, Geovandro Marcos Ferreira, a Sr^a Presidenta do Clube de Imprensa de Camaçari, Fabiana Monte, o ex-deputado, Sr. Prefeito de Camaçari e Presidente da UPB, Luiz Caetano.



0934-I

Ses. Esp. 19/05/11

Or. Luiza Maia

Comemoração ao Bicentenário da Imprensa na Bahia.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra a proponente desta sessão, deputada Luiza Maia.

A Sr^a LUIZA MAIA:- Sr. Presidente Marcelo Nilo, querido professor Geovandro Marcos Ferreira, deputado federal Emiliano José, companheira Marjorie, do Sindicato dos Jornalistas, companheiro Ernesto Marques, vice presidente da ABI, Jovianiano Neto, do Grupo Tortura Nunca Mais, Ricardo Luzbel, presidente da Associação dos Jornalismo Digital, que está aí bombando em nosso Estado e no País, querido companheiro Robinson Almeida, secretário de Comunicação Social do Estado, meu companheiro querido Luiz Caetano, presidente da UPB, prefeito de Camaçari, companheiro Walter Pinheiro, presidente da Associação Baiana de Imprensa e comanda o jornal *Tribuna da Bahia* que é um baluarte em nosso Estado, Navarro Lins, representando o deputado Nelson Pellegrino, Fabiana Monte, Geovani Barreto, vereadora de Salvador, em nome do companheiro Walter Pinheiro, queria saudar todos os companheiros que estão aqui nos prestigiando.

Queria dizer, companheiros que estou há três meses nesta Casa e tenho feito muitas discussões, muitos debates, mas esta sessão, realmente, está me deixando emocionada. Para mim, é motivo de muito orgulho ter sido a proponente desta sessão especial em homenagem ao bicentenário da imprensa baiana. Já cumprimentei todos e tenho certeza de que a presença de vocês aqui vai abrilhantar muito o nosso evento. Neste momento, sinto-me honrada por estar protagonizando um dia singular, pois aqui conseguimos reunir gerações de jornalistas, radialistas, com atuações diferentes nas várias vertentes da profissão.

(Lê) “No dia 14 de maio de 1811, foi impresso o primeiro jornal baiano, o Jornal Idade D'Ouro no Brasil, que circulou até 1823. O informativo surgiu três anos depois da criação do Correio Braziliense (1808), precursor da imprensa nacional, que, por força das circunstâncias da época já que haviam restrições da Coroa Portuguesa quanto a publicação de



informativos no Brasil], era produzido na Inglaterra e enviado ao Brasil pelo jornalista Hipólito da Costa.

Bom, mas quem vai contar a história completa da imprensa baiana para nós são vocês, são os nossos ilustres palestrantes, que, diga-se de passagem, são exemplos prodigiosos da grande vocação jornalística que a Bahia tem.

Nutro profundo respeito pelo papel social exercido pelos mais diversos veículos de comunicação, que são vitais para a consolidação da democracia. Aliás, sem imprensa forte não há democracia forte, e vice-versa. Cabe aqui ressaltar que, por natureza, a imprensa deve ser como o direito à informação: livre, soberano e universal! Por mais negativa e contrária que seja a notícia, tenham certeza de que ela é muito melhor do que a falsa verdade oriunda do crivo dos censores.

Num estado de dimensões nacionais como é a Bahia há um aspecto particular na atuação da imprensa que me chama a atenção. Se não fosse a contribuição dos jornais, rádios, emissoras de televisão e *sites* dificilmente poderíamos ter uma perspectiva de integração regional como temos hoje.”

E, neste momento, esse debate é importante, porque já apareceu de novo a ideia de dividir a Bahia. E temos que retomar a campanha “A Bahia não se divide”. A Bahia tem que ser integrada. E agora, com o Porto Sul, com a Ferrovia Leste/Oeste, acho que a Região Oeste, que está levantando esse debate, também vai entender a importância e a necessidade de mantermos nossa integração e nossa união.

(Lê) “Prova disso é que uma notícia sobre o trabalho dos deputados estaduais gerada a partir desta capital repercute rapidamente em todas as regiões.”

E eu estava dizendo para alguns jornalistas: se não fossem vocês, o que seria de nós? Fazemos um discurso aqui, apresentamos um projeto, e no outro dia recebemos ligações de todo canto do Estado: “Olhe, eu vi você não sei onde!”. Então, isso é uma demonstração da necessidade da imprensa, da importância do papel da imprensa na sociedade.

Mais uma vez agradeço a todos pela presença. Desejo que tenhamos uma sessão produtiva. Queremos aqui aprender, conhecer um pouco mais da história da nossa imprensa.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

E tenho certeza que vai ser importante para a consolidação da democracia essa justa homenagem, afinal de contas tudo começou na Bahia. Duzentos anos não são 200 dias!

Um grande abraço! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



0935-I

Ses. Esp. 19/05/11

Or. Luiz Caetano

Comemoração ao Bicentenário da Imprensa na Bahia.

A Sr^a PRESIDENTA (Luiza Maia):- Concedo a palavra ao prefeito Luiz Caetano, presidente da UPB.

O Sr. LUIZ CAETANO:- Sr^a Presidente, Srs. Deputados presentes, senhores da imprensa baiana, Sr. Deputado Federal Emiliano José, professor e nosso guru, é com muito prazer que estou aqui, hoje, participando desta sessão especial. Quero parabenizar a deputada Luiza Maia por esta sessão, pelo seu mandato, aqui, na Assembleia Legislativa, pelo trabalhando que está desempenhando juntamente com seus pares nesta Casa.

Fico muito feliz em voltar a esta tribuna, estar aqui com vocês. Passei dois anos nesta Casa, ganhei uma experiência fantástica, e aprendi muito com o deputado Emiliano José e diversos outros deputados. Fizemos bons debates aqui, debates de alto nível. Discutimos muito a Bahia. E espero que esta Casa cada vez mais se oxigene e cada vez mais transfira para a Bahia todo o apoio que ela dá a este Poder Legislativo.

Estava dizendo há pouco que em minha andança pela Bahia, pela UPB, nesses 100 dias temos visto que em cada lugar que se chega, hoje, encontramos *blogs*, revista, jornal, programas de rádio, rádios comunitárias, debates em diversos programas. Isso é uma coisa muito bonita. Há um processo de democratização da comunicação baiana, da Imprensa baiana. Acho que nesses 200 anos nós chegamos a um bom momento da comunicação da Imprensa da Bahia. Portanto, acho que tem problema, tem obstáculo que precisamos debater nesta sessão, para que, conjuntamente, nós possamos ajudar a resolver esses problemas.

Mas entendo que cresceu muito. Eu tenho 35 anos que faço política, mais ou menos isso, considero-me muito jovem, mas aprendi muito com Emiliano, porque desde que eu era menino já via Emiliano fazendo política, considero-me muito jovem, juntamente com ele, e tenho certeza de que lá atrás nós temos o Jornal *A Tarde* e a *Tribuna da Bahia*, o Jornal *A Tarde*, muito bem representado aqui pelo nosso professor. Adoro o Jornal *A Tarde*, acho um espetáculo. O Jornal *A Tarde* e a *Tribuna da Bahia* pautam a Imprensa Baiana, na minha



opinião, juntamente com os grandes blogs que existem hoje, aqui na Bahia, juntamente com os grandes órgãos de Imprensa, Televisão e demais jornais desta cidade.

Mas, eu venho quando era uma obrigação ler o Jornal *A Tarde*. Tanto que hoje, com todo o avanço, com *Twitter*, com *Facebook*, com tudo isso, eu quero ler o Jornal *A Tarde*, pegar o Jornal *Tribuna da Bahia*, é um costume que eu tenho todos os dias, o dia que não leio fico triste. Quando eu viajo para o exterior ou para outra cidade, sempre procuro saber se tem o Jornal *A Tarde*, se tem alguma banca de revistas que venda os jornais da Bahia. É bom ver a Imprensa baiana ali presente, é um gosto que a gente tem, é uma sensação legal que a gente tem, quando sabemos que a Bahia é bem representada, inclusive pelos meios de comunicação.

A Bahia está forte, vai se fortalecer mais ainda; o Brasil está forte, vai se fortalecer mais ainda, e sessões como essa, deputada Luiza Maia, só vêm engrandecer a Imprensa baiana.

Parabéns, e que Deus abençoe todos os empresários e todos os profissionais da Imprensa baiana. Um grande abraço. (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTE (Luiza Maia):- Nós é que agradecemos, prefeito Luiz Caetano. É uma honra tê-lo aqui em nossa sessão.

(Não foi revisto pelo orador.)



0936-I

Ses. Esp. 19/05/11

Or. Geovandro Marcus Ferreira

Comemoração ao Bicentenário da Imprensa na Bahia.

A Sr^a PRESIDENTE (Luiza Maia):- Passo a palavra ao Professor Geovandro Marcus Ferreira, diretor-professor da Faculdade de Comunicação da UFBA.

Registro as presenças de Antônio Fernando Costa, representando o Coronel Alfredo Castro, nosso Comandante-Geral da Polícia e o Capitão Luiz Marcelo Pita, Chefe de Imprensa da PM.

Com a palavra o Professor Geovandro Ferreira.

O Sr. GEOVANDRO MARCUS FERREIRA:- Boa-tarde a todos e todas.

Em nome da deputada Luiza Maia, que é a proponente desta sessão, quero cumprimentar toda a Mesa e dizer da alegria da Universidade Federal da Bahia e da Faculdade de Comunicação, da qual sou o Diretor, nesse momento importante, até mesmo porque é a primeira faculdade de Jornalismo da Bahia, e, realmente, faz parte dessa história da comunicação nesse grande Estado.

Gostaria de destacar a importância que tem a comunicação no presente, mas, sobretudo, olhando o início da democracia parlamentar, que a imprensa surge como o segundo Parlamento. Aqui estava o Parlamento, na criação da democracia, onde a verdade não estava como ser superior nem tampouco como a parcela da população privilegiada, a aristocracia, mas a verdade estava entre as pessoas, na força da argumentação; ali surgia aquele que iria assumir as rédeas, a gestão da coisa pública. Então, para a Imprensa e a democracia, algo fundamental é se pensar nesses dois Parlamentos.

Por isso que os jornalistas não foram eleitos, mas têm um lugar especial, como se fossem os olhos do cidadão desse Estado que ajudam essa migração da agenda política e agenda pública. Então, isso aí é de fundamental importância, se olhamos a história da política, a história da Democracia com a história da imprensa, do jornalismo.

Mas a comunicação tornou-se muito mais importante. Atravessamos o século XX com a comunicação de massa, e com essa comunicação nós entramos em uma sociedade



mediatizada. E como os diferentes setores e instituições da sociedade começam a ter a influência, inclusive o Parlamento propriamente dito, dessa gestão e dessa lógica dos meios de comunicação?

Saímos de uma sociedade mediática e passamos para uma sociedade mediatizada. E hoje, na Academia, através das nossas atividades afins – pesquisa, ensino, extensão –, começamos a discutir a importância que tem a comunicação como um fator fundamental para o conhecimento. Sempre digo que o nosso corpo é presença e ausência. Hoje é presença aqui, mas não estou lá na universidade.

E houve um grande teórico, McLuhan, que dizia que a comunicação se torna a grande prótese, a grande extensão do homem. Então meu corpo passa a ter extensões através, sobretudo, dos meios de comunicação. Esse pensador tinha uma visão muito ampla dos meios de comunicação. A luz elétrica, segundo ele, é a extensão dos olhos; o carro, é a extensão dos pés. Mas, fundamentalmente, esse teórico queria destacar que a comunicação é algo fundamental para a existência das pessoas e, sobretudo, para o seu lugar no mundo. E olhando a nossa sociedade bastante dividida, na qual você tem uma grande parcela que não tem vez nem voz, e, ao mesmo tempo, uma democratização da sociedade, vemos como é fundamental pensarmos numa democratização da comunicação.

Inicialmente, a imprensa foi avolumando-se, tornando-se comunicação social, fenômeno que muito se destacou nos anos 60, com a importância que tinham, por exemplo, as encíclicas papais. A comunicação social surge como algo fundamental para a existência humana. Mais tarde, na América Latina, vamos aprofundando essa concepção de, tendo o mundo, mas tendo muitas vozes, ou seja, o mundo democrático, onde parcela que não tem voz passa a ser incluída, incorporada nesse grande mutirão da comunicação, para que aí, realmente, tenhamos uma democracia sólida, uma democracia sustentável.

Então, hoje, resgatando essa história, é fundamental esse mutirão que começamos aqui também na Bahia. Diga-se de passagem, tivemos uma Conferência Nacional de Comunicação, e a primeira foi aqui na Bahia, para incentivar, puxar, juntando governo, as universidades, o movimento social. Isso foi muito importante para alavancar em nível nacional essa conferência, com todas as contradições que tem o atual governo. E isso é muito



interessante. Estamos passando por momento em que você tem pressão, agora, de cima e de baixo. E aí o jogo democrático está ficando muito interessante e salutar.

Enquanto Universidade Federal da Bahia, enquanto Faculdade de Comunicação, que estou aqui representando nesta data importante em que se comemora os 200 anos da imprensa na Bahia, devo dizer que é importante pensarmos a democratização deste novo parlamento de 200 anos, tão importante para uma democracia em nosso País.

É fundamental para a implicação das diversas entidades, dos diversos setores, pois não existe sociedade democrática sem a democratização da comunicação. Ela é fundamental nos nossos dias, como falei, sobretudo porque grande parte do nosso conhecimento é oriundo dos meios de comunicação. Acredito que a Bahia será de todos nós, se a comunicação for inclusiva, democrática, que pertença, realmente, aos diferentes segmentos, sobretudo àquele mais empobrecido. Para você ter um bom governo, observe como são tratados os mais pobres. E, também para você ter uma boa comunicação, olhe igualmente como eles são tratados e como devem participar na comunicação.

Muito obrigado. Mais uma vez, parabéns à deputada Luiza Maia! (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)

**0937-I****Ses. Esp. 19/05/11****Or. Emiliano José****Comemoração ao Bicentenário da Imprensa na Bahia.**

A Sr^a PRESIDENTA (Luiza Maia):- Concederei a palavra daqui a pouquinho ao deputado Emiliano José. Antes disso, quero registrar a presença e agradecer inclusive aos deputados Carlos Geilson, nosso parceiro aqui, e Reinaldo Braga. Estão presentes aqui também Maurício Castro, representando o Dr. José Mascarenhas, presidente da FIEB; Aldo Fragoso, representando o secretário Almiro Sena; capitã Rute, da Base Aérea de Salvador, e o seu comandante, Ary Soares Mesquita; Rogaciano Medeiros, assessor de Comunicação da Prefeitura de Camaçari, nosso parceiro; Marcos Pierry, assessor de Comunicação do *IRDEB*; Carlos Almeida Santos, assessor de Imprensa da UESB, em Jequié, Klênio, presidente da Associação dos Comunicadores Sociais de Camaçari; Wilton Matos, da *Rádio Sociedade*; Marcos Aécio, do *Jornal da Cidade Baixa*; e Wesley Sobrinho, da *Nossa Metrópole*.

Agora vamos ouvir o nosso deputado federal Emiliano José.

O Sr. EMILIANO JOSÉ:- Caríssima amiga e querida deputada Luiza Maia, que propôs esta sessão - e eu atendi o seu convite com muito carinho pela amizade e admiração que lhe tenho -, você tão nova, como Caetano também disse que é muito novo, de fato já é há tanto tempo dedicada militante política das melhores causas do povo da Bahia.

Quero abraçar o querido amigo e secretário de Comunicação do Estado da Bahia, Robinson Almeida, que da mesma maneira tão jovem já carrega aí mais de duas décadas de militância nas costas, porque começou muito menino na vida política, e tem dado uma contribuição inestimável à comunicação no nosso Estado pelo rumo que vem dando à comunicação do governo e também por ter assumido as melhores teses da democratização da comunicação no País e na Bahia. Foi ele quem, sobretudo a partir do estímulo dos movimentos sociais, convocou a I Conferência de Comunicação do Estado, a qual impulsionou, pelo fato de ter acontecido aqui, a Conferência Nacional de Comunicação. Isso significou um passar adiante, talvez o mais importante passo neste momento em que vivemos para esta caminhada, este esforço, esta luta pela democratização das comunicações no Brasil.



Cumprimento igualmente a diretora da Fundação Pedro Calmon, Ivanise Azevedo Tourinho, que representa neste evento o querido amigo e secretário estadual de Cultura, Albino Rubim; o prefeito Caetano, que já teve de se retirar por seus múltiplos afazeres, e o querido amigo Walter Pinheiro, a quem dou meus cumprimentos também como presidente da ABI, embora não possa deixar, num momento como este em que discutimos a imprensa, de lembrar que a *Tribuna da Bahia* é a minha primeira casa jornalística. Foi lá que comecei a minha atividade como jornalista logo depois que a ditadura me soltou.

Assim que saí da prisão, quase imediatamente, esse jornal teve a coragem - porque naquela época era corajoso fazer isto - de me acolher. Não deixo de registrar isso sempre enaltecendo as figuras dos queridos amigos Walter Pinheiro e Joaci Góes. Eram empresários dedicados à comunicação. Ainda o são. Joaci, hoje um pouco mais dirigido para outras áreas. Mas ambos tinham a coragem de afrontar a ditadura em sua múltipla face, nos planos nacional e local. Não cabe lembrar nomes neste caso; cumprimentar o querido amigo Ernesto Marques que é jornalista e vice-presidente da Associação Baiana de Imprensa; o professor, e é melhor chamá-lo primeiro assim, Edivaldo Boaventura, grande professor da Bahia e diretor-geral do jornal *A Tarde*, professor respeitado e diretor desse importante jornal do nosso Estado; querida amiga Marjorie Moura, presidente do meu sindicato e que tem honrado o cargo que ocupa, o mandato que tem; querido amigo Joviniano Neto, professor e figura destacada não só da academia, mas principalmente como militante político na luta pelos direitos humanos, na luta contra a ditadura. Foi, devo dizer isso em honra à história, foi a principal figura na luta pela anistia na Bahia, junto com tantas outras companheiras e companheiros.

Quero abraçar também o nosso amigo Ricardo Luzbel, presidente da Associação Baiana de Jornalismo Digital, que tem sido uma pessoa de vanguarda no exercício do jornalismo digital e na tentativa de agregar o mundo do jornalismo digital que é um mérito muito grande dele que é importante ressaltar; meu diretor, porque todos aqui sabem que eu sou professor já aposentado, mas não deixo de estar sempre lá, diretor da faculdade de Comunicação da UFBA., minha casa por 25 anos, onde dei aula durante tanto tempo, Giovandro é um aplicado e denso professor de Comunicação e que tem compromissos, como



já revelou aqui, com a democratização da comunicação em nosso País e em nosso Estado; e cumprimento Fabiana Monte, presidente do Clube de Imprensa de Camaçari.

Este é um momento para mim de duplo significado e emoção. Primeiro, porque volto a falar nesta Casa, o Caetano lembrou isso aqui. Nesta Casa nós fomos deputados, eu e o Caetano, lembramos os dois, e tantos outros companheiros deputados e deputadas no momento em que éramos oposição. E os debates desta tribuna não foram poucos, nem pequenos, mas muito intensos - lembro apenas de mim e do Caetano porque estamos aqui, o Caetano acabou de sair, mas estava aqui-, travamos muitas lutas, muitos debates. E aqui eu fiz muitos amigos, não necessariamente só os meus parceiros de oposição à época, mas mesmo adversários com os quais tenho relações pessoais boas até hoje.

Então é um momento muito significativo por voltar a esta Casa, falar desta tribuna novamente.

E, segundo, porque é discutindo a imprensa baiana, a minha vida. A imprensa até hoje é minha vida. Até hoje quando eu chego num hotel e perguntam: Profissão? Minha profissão é jornalista. Deputado não é profissão, nunca foi. Você está deputado, amanhã não está, ou pode estar a vida inteira, mas você tem uma profissão. E eu divido as minhas paixões na vida entre a política e o jornalismo. As duas se encontram, mas são diferentes. Por isso é muito bom passear um pouco, não pelos 200 anos porque eu não vou fazer isso aqui. O professor Giovandro já fez um passeio pela história ao lembrar a evolução do jornalismo no mundo e aqui a Bahia. Vou lembrar os últimos anos da minha vida no mundo do jornalismo e tentar analisar um pouco daquilo que ocorreu.

Aqui, hoje, vejo amigos queridíssimos do meu mundo jornalístico. Cito o meu querido amigo Carlos Navarro Filho, Navarrinho, que foi meu chefe. É preciso lembrar quem foram nossos chefes que nos orientaram, deram-nos os primeiros caminhos. Poderia lembrar na *Tribuna da Bahia* tantos com os quais comecei a profissão: Gustavo Falcón, me lembro dele que está aí entre nós até hoje, grande companheiro; Ruy Espinheira Filho era copy da *Tribuna*, notável poeta e escritor; José de Castro Leal Valverde, que era secretário de redação naquele momento; Estevão Dulce; João Ubaldo Ribeiro, que foi meu redator-chefe; Sérgio Gomes; o Valter está ali passeando pela história, meneando a cabeça e dizendo que tudo isso



ele viu de perto; Otto, nós tínhamos um time de copydesk que era extraordinário na *Tribuna*. Nós tínhamos medo de entregar o texto e ao mesmo tempo confiança. Você terminava de redigir, entregava o texto e tinha certeza que não passavam muitos erros. Hoje, a figura do copy não é tão importante, mas naquele tempo a figura do copy era essencial; Estevão Dulce, irmão de Luiz Dulce que foi secretário também de redação; Cid Teixeira, também foi redator-chefe da *Tribuna da Bahia*.

Estou lembrando de um bocado de gente aqui, e evidentemente vou esquecer de alguns. Rogaciano Medeiros, está aqui entre nós, querido amigo também e já com muitos anos de profissão, de estrada; minha querida amiga Carmela Talento, está ali no fundo, quietinha, uma jornalista experiente, trabalhamos juntos em variados momentos da vida; Paulo Mocofaya, que está aqui fotografando, trabalhou comigo no *Estadão*. A gente caía na estrada fazendo matérias duríssimas. O Navarro mandava a gente para algumas pautas duras; olha: tem uma grilagem lá m Bom Jesus da Lapa. E íamos nós cobrir a grilagem lá, num monomotor que o cara amarrava o motor do avião com um arame, e a gente subia tremendo, mas subia e ia, várias vezes. O Paulo Mocofaya tinha um problema: quando chegava meio dia, você estava no meio do mato cobrindo uma grilagem, e ele dizia: eu tenho que almoçar, como é que faz? Eu dizia: Paulo, vamos almoçar só depois, não tem jeito. E ele ficava muito agoniado, ele queria almoçar logo.

Com tudo isso, vocês estão vendo que para mim é uma emoção muito grande ver tantos amigos aqui, mestres da minha vida, companheiros dessa jornada. Eu tenho me empenhado, estou lembrando tudo isso, mas devo dizer que tenho me empenhado ao lado de tantos no Brasil por um jornalismo que seja mais democrático, pela democratização das comunicações no Brasil. Quando nós fizemos isso no Brasil, os outros países não, e tenho dito mais, é preciso regular de outro modo os meio de comunicação no Brasil. Quando se diz isso aqui no Brasil, imagina-se logo, imagina-se não, há uma reação de parte da nossa imprensa, sobretudo aquela localizada no Centro Sul, que diz logo: vocês estão querendo censurar ou vocês estão atacando a propriedade. Está longe disso.

Eu digo que sigo até um belo conceito emitido pelo professor Venício Lima, que é um extraordinário professor de comunicação da UNB – Universidade de Brasília – ele fala



que o que nós queremos é a máxima dispersão da propriedade. É exatamente o contrário. O que a gente quer é que a comunicação seja feita pelas milhões de vozes que não estão presentes no mundo da comunicação e que precisam estar para revelar a complexidade, a grandeza e as singularidades deste País. O País não pode ser revelado e nunca poderia ser apenas por poucas vozes concentradas lá no Centro Sul, porque de fato eu lembro aqui, novamente, que em tempos idos, posso voltar aos anos 80 no *Estadão*, havia, naquele jornal, coisa de 15 jornalistas, 15 profissionais numa sucursal local; o *Globo* devia ter 7 ou 8, o *Jornal do Brasil*, 10, 15 ou 20, porque inclusive tinha uma rádio, hoje, se houver um, há muito, o que significa que aqueles órgãos de comunicação localizados no centro sul não cobrem o Brasil, pura evidência, eles não revelam o Brasil, não têm por quê, perderam essa capacidade, a não ser quando ocorre aqui um acidente, uma coisa muito grave, então, manda-se um profissional ou dois para cobrir. Mas a cobertura da Bahia não é mais feita por esses jornais, nem poderia ser, porque não há mais profissionais aqui que se dediquem a isso.

Eu me lembro que cobríamos tudo o que acontecia na Bahia, tínhamos coberturas monumentais aqui. Lembro até da greve da PM, em 1981, se não me engano, em que montamos um verdadeiro material de tropa de choque nossa para cobrir aquela greve, inclusive com mortes. E no *Estadão*, onde trabalhei sob a chefia do Navarro, cobríamos a Bahia. Hoje, não existe mais isso, porque se cobre com o olhar do Sul.

Então, cada vez mais, impõe-se como democratização das comunicações uma amplitude, aquilo que o Caetano lembrava é muito importante, ele chega a cada cidade, encontra pequenos jornais e emissoras de rádio, mas precisamos alargar, ampliar, permitir a chegada de outras vozes.

Como estou discutindo reforma política, tenho dito que há uma espécie de expropriação política no Parlamento brasileiro. Não vou discutir isso aqui, mas uma expropriação política que significa, com as regras atuais que temos na política, os pobres, os indígenas, os negros, os presidentes de sindicatos e das associações de moradores, não podem chegar a mandato, precisamos modificar isso. Dizemos que o Congresso é a expressão do povo brasileiro, mas ao mesmo tempo é absolutamente visível que a maioria



que chega àquela Casa é a que tem condições de suportar o jogo atual que está aí em andamento e que não vamos discutir.

Da mesma forma, é preciso dizer que, quanto à comunicação, há também uma espécie de expropriação de parcelas vastas da população brasileira, que poderiam exercer também o direito de ser emissores e de também produzirem o noticiário. É preciso que a nossa legislação venha a garantir isso. Há um projeto que está nas mãos do Ministério das Comunicações e diz respeito às telecomunicações, não estamos discutindo o jornalismo impresso, mas como o mundo das telecomunicações, envolvendo as emissoras de rádio, as televisões, as TVs abertas e fechadas, tudo isso, cujo marco regulatório data de 1962, são quase 50 anos, portanto, absolutamente defasado e distante do mundo em que vivemos hoje.

Participo e digo, como parte dessa luta, constituímos uma frente pela liberdade de expressão e pelo direito à comunicação na Câmara Federal, já fizemos algumas iniciativas, dentre elas, chamamos o ministro Paulo Bernardo para uma discussão e tivemos uma audiência ampla lá. Essa frente, até para sermos rigorosos com o nosso pensamento, conta também com a participação de variadas entidades da sociedade civil que reclamam o direito à comunicação, que é um direito da sociedade moderna, o direito a uma comunicação que não seja dominada exclusivamente por algumas famílias, o que, de alguma forma, pelo menos pensando em Centro-Sul, é o que ocorre. Esse direito a uma comunicação diversa, policêntrica é essencial à sociedade moderna, à sociedade brasileira.

Quando falamos de marco regulatório – esse que deve vir do governo, esperamos –, estamos falando de algo que existe em todos os países com democracia avançada no mundo. Não estamos inventando a roda, não. Os países avançados, com democracia consolidada, têm marcos regulatórios bastante consistentes e contemporâneos. Estamos com um código de 1962, como já disse.

Na Argentina, por exemplo, o Congresso acaba de aprovar um novo marco regulatório das comunicações. Era isso o que eu queria dizer na primeira parte.

O segundo momento da minha fala diz respeito às transformações; o professor Geovandro chegou a falar disso aqui. Mas estamos vivendo um momento no mundo, e não podemos limitar isso ao Brasil, de transformação profunda em relação ao fazer jornalístico.



Eu falei em um debate na Faculdade de Comunicação, dirigido por Geovandro, do qual participamos: eu, Luzbel e Marjorie, presidente do meu sindicato, sobre as transformações que estamos experimentando, hoje, no fazer jornalístico. Nossos padrões de produção jornalística foram absolutamente subvertidos com o advento da internet. Certamente que a universidade está atenta a isso.

Hoje, você não faz – fazíamos no passado – a notícia para amanhã; hoje, é a instantaneidade. O advento da internet, hoje, faz com que as fontes de emissão já não estejam localizadas apenas nas grandes redes ou no jornalismo tradicional. Mas nós, os profissionais de comunicação, temos que entender isso para não nos surpreendermos. E é de modo contínuo essa surpresa.

É um admirável mundo novo. Lembrava-me até desse livro lá, na Faculdade de Comunicação, do Aldous Huxley, “Admirável Mundo Novo”, que li em 1960 e alguma coisa. Um livro admirável, porque antecipava muitas coisas que estamos discutindo hoje.

Tudo mudou, tudo. O assassinato de Bin Laden foi divulgado por um *twiteiro*, não foi por alguma rede, não. O assassinato de Bin Laden foi noticiado por um sujeito no *Twitter*, ninguém fez isso antes dele, não.

E, hoje, as grandes redes, incapazes – não só por incapacidade – de reter o noticiário, valem-se dos milhares de repórteres, vamos chamar assim, que estão espalhados pelo mundo: “Vamos exibir agora a imagem que um sujeito, com o celular, filmou isso, aquilo.” Não foi o repórter da rede que capturou a imagem, não.

Este mundo está mudando, e com a internet mudou radicalmente. Temos que estar preparados e aptos a enfrentar os desafios desse mundo da instantaneidade e da multiplicidade de emissores. Por isso, é preciso também organizar mais um número maior de vozes nos meios de comunicação.

Quero dizer que, no entanto, há uma herança muito sólida do bom jornalismo, do aprendizado que vem não só da prática como da teoria. E as nossas faculdades de Comunicação são muito boas. Pelo menos, há várias faculdades de Comunicação de grande qualidade. Cito a minha, faculdade de Comunicação da UFBA é uma das melhores do País. Essas faculdades nos ensinaram a ver o fato jornalístico com muita responsabilidade, a ver os



diversos lados de uma notícia, a ir sempre em busca da verdade. Não vamos chegar a verdade não, mas em busca da verdade sempre. Isso aprendi muito no meu exercício jornalístico aqui na Bahia, nos diversos veículos que participei e esse legado não podemos jogar fora neste mundo da instantaneidade.

Quero ao final parabenizar a deputada Luiza Maia pela iniciativa, pela sensibilidade, por estar atendida com o mundo contemporâneo, e dizer que esses 200 anos de jornalismo na Bahia foram anos de construção desse mundo a que chegamos hoje e que sempre deram uma contribuição decisiva à democratização do nosso País.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

**0938-I****Ses. Esp. 19/05/11****Or. Marjorie Moura****Comemoração ao Bicentenário da Imprensa na Bahia.**

A Sr^a PRESIDENTE (Luiza Maia):- Quero registrar também a presença de Gabriel Carvalho, assessor de comunicação do senador Walter Pinheiro; Mário Augusto da rádio *Camaçari FM*; Jackson, presidente da *Rede Brasil Diário*; Carmela Talento, assessora de comunicação da senadora Lídice da Mata; Mila Loureiro, coordenadora da *TV Aratu, SBT – Camaçari*; Marta Dória, Sindicato das Agências de Publicidade do Estado da Bahia; nosso querido vereador de Salvador, Dr. Geovane; Luzia Luna, assessora de imprensa do SEI-Salvador. Obrigada a todos pela presença. Agora vamos passar a palavra a nossa querida presidente do sindicato, jornalista Marjorie Moura.

A Sr^a MARJORIE MOURA:-Boa tarde a todos e a todas. Agradecimento especial a deputada Luiza Maia por lembrar da nossa atividade profissional que é tão fundamental e que, às vezes, desaparece no grande cenário, porque é uma atividade que faz parte do nosso dia a dia, do nosso cotidiano, que temos como certo, ter um jornalista sempre a postos para cobrir qualquer acontecimento.

Estou presidente do sindicato dos jornalistas, mas sou uma jornalista, uma repórter, e venho do mundo do trabalho. E na evolução da minha atividade profissional até chegar ao sindicato dos jornalistas, passei por várias fases que o jornalista passa. Pensando um pouco nesses 200 anos de jornalismo, vejo a grandeza de que quem começou essa atividade profissional na Bahia, porque saiu do nada, saiu da necessidade do anseio da sociedade de falar.

Esse é o grande papel do jornalista de ser esse intermediário, de ser interlocutor da sociedade. Agora há pouco uma colega nossa estava nos entrevistando e perguntando se valia à pena esses 200 anos de luta. Aí eu disse que sim. Lembrei-me de Fernando Pessoa: “*Tudo vale a pena se a alma não é pequena*”. E a alma de todo o jornalista é muito grande, porque nela cabe o sonho de toda uma sociedade, cabe o sonho do Sem Terra e cabe o sonho do proprietário de terra, que também tem direito a voz, cabe o sonho do trabalhador, do operário



e também do dono da indústria, que precisa também ter voz. Cabe o sonho de toda uma sociedade que busca apoio e a luta.

Nesses 200 anos, também, lembro que em cada grande luta neste País estivemos presentes. O primeiro jornal daqui da Bahia foi anterior à Proclamação da Independência. Com certeza, havia um jornalista ou vários jornalistas noticiando esse fato; depois com a Abolição, com a República, com a luta contra a ditadura do Estado Novo, e muito mais particularmente contra a ditadura de 1964, que foi um período muito denso no qual os jornalistas trabalharam muito, apanharam muito, foram torturados e mortos, e continuaram trabalhando, com criatividade, com bom humor, fazendo jornalismo que ultrapassava a censura e todos os bloqueios daquela época.

E esse é o nosso trabalho atualmente, vivemos em condições melhores de comunicação. Mas nesse momento, enfrentamos uma barreira maior, que é a barreira empresarial em muitos casos. Não em todas as empresas de comunicação, mas há um discurso geral de que a liberdade de imprensa e a liberdade de expressão é defendida pelas empresas. E neste país os grandes defensores desses dois direitos fundamentais da sociedade sempre foram jornalistas, amparados por empresários que tinham visão da necessidade dessa comunicação da sociedade em geral.

Aqui na Bahia, particularmente, sempre tivemos sérios problemas no exercício profissional porque havia falta de profissionalização dos meios. Hoje vemos isso seriamente, porque o sindicato vai receber todas as questões reais do dia a dia do trabalho. São jornadas de trabalho excessivas. Temos uma jornada prevista pela CLT de 5 horas, que, normalmente, é estendida para 7 ou 8, chegando a 10 horas, ao arrepio da lei. Mas diante de um mercado bastante pequeno e muito predador os jornalistas, às vezes, concebem trabalhar dessa forma e acabam por procurar os sindicatos, a fim de buscar apoio que nem sempre é possível, porque dependemos de uma legislação.

Também enfrentamos neste momento uma grande luta no país que é a reconquista pela obrigatoriedade do diploma. Em junho fará 3 anos que o Supremo Tribunal decidiu contra essa obrigatoriedade, sob mais uma vez o argumento falso da liberdade de expressão, como se uma atividade profissional impedisse a liberdade de expressão.



A primeira decisão nesse aspecto ocorreu há 10 anos pela Justiça Federal e não houve em qualquer momento a liberdade de expressão. Os movimentos sociais não têm mais acesso aos grandes meios de comunicação do que tiveram antes. Então, é uma falácia, um mito. Desta forma nossa luta continua pela manutenção do diploma, porque é uma marco de qualidade.

Se a educação é favorecida e valorizada neste país, por que não a dos jornalistas, que lidam diariamente com a informação e têm que filtrar um grande número de casos e problemas e têm que usar do seu conhecimento pessoal para transformar todos esses fatos em uma notícia coerente, em que todas as fontes sejam ouvidas e todo público respeitado.

Também lutamos pelo estabelecimento do nosso Conselho de Jornalismo, pelo mesmo motivo, porque a sociedade tem que opinar. Com a queda da lei de imprensa não temos mais qualquer tipo de proteção, ter direito a resposta imediata a não ser recorrendo à Justiça. Então, queremos que a sociedade continue sendo o grande fiscalizador do nosso trabalho para que ele tenha qualidade.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

**0939-I****Ses. Esp. 19/05/11****Or. Fernando Azevedo****Comemoração ao Bicentenário da Imprensa na Bahia.**

A Sr^a PRESIDENTE (Luiza Maia):- Quero registrar a presença do deputado Pastor Sargento Isidório; de Fábio Lima, Diretor da Tudo FM; Marcelo Chales, assessor de comunicação da vereadora Vânia Galvão; Fábio Pereira, presidente do PT de Camaçari, também jornalista; vereador Adilson Mota do PT de Catu.

Com a palavra o Major Fernando Azevedo, representante do Comandante Geral da Polícia Militar da Bahia, o Coronel Castro.

O Sr. FERNANDO AZEVEDO:- Boa tarde a todos e todas, cumprimento a nobre deputada Luiza Maia, que preside e foi a proponente desta sessão; cumprimento também demais membros integrantes da Mesa Diretora; senhores e senhoras, para nós estar neste ato representando o Exm^o Sr. Coronel Castro, Comandante Geral, é uma grata satisfação e honrosa participação neste encontro por ter sido a Polícia Militar um dos órgãos do Estado que tem tanta integração e interage tanto com a imprensa, ter sido bem lembrada, estar aqui participando neste momento desta homenagem tão justa.

Quando recebi a designação do Comandante para participar dessa sessão especial, deputada, parei um momento e refleti sobre o que seria a vida do cidadão sem a participação da imprensa. Uma metáfora, talvez. Poderíamos, por analogia, comparar o cidadão àquela figura dos 3 macaquinhos com as mãos nos ouvidos, com as mãos nos olhos e com as mãos na boca. Sem a imprensa, seguramente o cidadão não teria ouvidos, não teria olhos e não teria fala, sobretudo. Imaginem que sem a imprensa o cidadão não teria a informação. Até o cidadão mais simples, durante as suas horas de trabalho, tem ao seu lado um radinho por meio do qual ele recebe a informação até mesmo no local mais longínquo do nosso planeta. Como aqui bem colocaram os palestrantes, a ferramenta, hoje, da *internet*, da tecnologia permite que as informações cheguem *on line* nos locais mais longínquos do nosso planeta. Imagine que o cidadão sem a televisão, certamente, não veria, não estaria presente no local no momento de um acontecimento, mas ele recebe a informação através da imprensa.



Imaginem o cidadão sem a força da sua voz, sem a força da sua palavra! Se não fosse a imprensa, este tão importante veículo de comunicação que leva a voz do cidadão e faz a voz do cidadão ter força e valor, talvez ele, falando por si só, não fosse ouvido. Quando o cidadão fala através da imprensa, que funciona como interlocutora, os seus desejos e anseios tão logo são atendidos. Penso da importância da imprensa para a vida, hoje, do cidadão. Então, deputada, eu, depois de ter feito essa reflexão, penso que é de lédima justiça e parabênzo V.Ex^a por ter promovido este encontro e por ter prestando, nesta sessão, essa justíssima homenagem as profissionais da imprensa e da comunicação que atendem, sobretudo, aquele destinatário final que é o cidadão. Nós, da Polícia Militar, ratifico, nos sentimos honrados de poder participar deste encontro e compartilhar com todos.

Encerro aqui a minha palavra dizendo seguinte: uma vez numa das palestras do doutor Lair Ribeiro alguém da plateia perguntou: “Dr. Lair Ribeiro, o que o senhor entende por competência?”. Ele parou, refletiu e disse: “Competência é fazer bem aquilo que você gosta!”. E o que tenho visto e presenciado são profissionais da imprensa fazendo bem aquilo que gostam. Portanto, podemos afirmar e concluir que estamos diante de profissionais competentes. Parabênzo todos, a nobre deputada e os nossos profissionais da imprensa. Meus parabéns!

Muito obrigado pela oportunidade da fala. (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Luiza Maia):- Obrigada a você.

(Não foi revisto pelo orador.)



0940-I

Ses. Esp. 19/05/11

Or. Ernesto Marques

Comemoração ao Bicentenário da Imprensa na Bahia.

A Sr^a PRESIDENTA (Luiza Maia):- Passo a palavra ao companheiro Ernesto Marques, vice-presidente da ABI.

O Sr. ERNESTO MARQUES:- Rita, funcionária do cerimonial, me perguntou se eu queria a nominata. Para economizar tempo, saúdo toda a Mesa na pessoa da deputada Luiza Maia. Agradeço a V.Ex^a pela proposição desta sessão, assim saúdo toda a Mesa, os professores Emiliano e Jovandro, nosso novo presidente da ABI, Walter Pinheiro, Marjorie e todos que compõem esta Mesa. Quero saudar também os meus colegas radialistas - quando comecei a minha carreira foi o meu primeiro registro profissional – por meio do Canal Assembleia, que é uma conquista da democracia baiana, porque durante muito tempo esta Casa se recusava a levar suas atividades ao mais amplo conhecimento público. Isso foi um fato importante. Quero saudar os meus colegas jornalistas que estão aqui, na tribuna de imprensa e no Plenário.

Lembrando do nosso dia a dia na cobertura da Assembleia Legislativa, deputada Luiza Maia, peço a senhora que transmita ao presidente Marcelo Nilo uma sugestão e um apelo, porque houve um tempo em que esta Casa tinha cobertura - Emiliano lembra bem disso nos tempos da Constituinte Estadual – em que aquela tribuna era maior ainda, porque vinha até aquela divisória, e tínhamos setoristas, repórteres que cobriam cotidianamente este Parlamento. Mas depois da vigência da ditadura civil policial que infelicitou este Estado e subjugou este Poder durante muito tempo, esta Casa perdeu importância e, por isso, perdeu também a atenção da imprensa.

Desse modo, os jornais deixaram de mandar seus setoristas e só muito eventualmente aquela tribuna era ocupada. Entretanto, hoje, com o advento da internet, nós temos, como já foi dito aqui, um número de veículos de comunicação bem maior. E assim, nas sessões em que as matérias mais importantes, mais polêmicas são discutidas não há espaço para os profissionais de imprensa trabalharem ali, vez que o Regimento nos impede o



acesso ao Plenário nas sessões formais. A exceção é nas sessões especiais como esta.

Então é preciso que esta Casa, que já ampliou em dois momentos as suas instalações, olhe também para as condições de trabalho da imprensa. Perdoem-me por reivindicar, mas fui sindicalista durante 9 anos e o vício do cachimbo deixa a boca torta.

Não quero repetir o que já foi dito aqui sobre o nascimento e o desenvolvimento da imprensa; Emiliano fez uma bela exposição sobre isso. Mas queria, registrando a ausência do professor Luís Guilherme Pontes Tavares, nosso companheiro da diretoria da ABI e funcionário desta Casa, um dos principais pesquisadores sobre história do jornalismo na Bahia e no Brasil. Ele tem produzido bastante sobre a Idade D'Ouro do Brasil, como também tem nos provocado muito na ABI a dedicarmos mais atenção a esse marco do bicentenário da imprensa...

Pois bem, até para não fazermos uma reflexão somente sobre o passado, mas também sobre o que projetamos para o seu o seu futuro, é preciso destacar que a Idade D'Ouro do Brasil teve o benefício de nascer 3 anos depois da vinda da Família Real. Até então, era proibido imprimir qualquer coisa neste País, como também vender livros, porque era decisão da Corte manter a colônia na ignorância. Assim era mais fácil manter o seu domínio.

Foi uma necessidade daquele momento em que a Família Real precisou vir para o Brasil, quando se permitiu a instalação das tipografias. E a primeira delas foi, exatamente, a de Manoel Antônio da Silva Serva, fundador da Idade D'Ouro do Brasil, que começou a circular no dia 14 de maio de 1811. Esse jornal dizia em seu epíteto: “Dizei em tudo verdades”.

Como sabemos que ninguém é dono da verdade, podemos admitir que a imprensa baiana e brasileira já nasceu mentindo. E nasceu financiada, inclusive, pela Coroa Portuguesa. Precisou ter não apenas a sua permissão para instalar a tipografia, como também necessitou de um financiamento.

A relação entre imprensa e poder neste Estado e neste País sempre teve esse traço de contaminação. E agora, com a advento da internet, nós profissionais temos uma oportunidade de ouro de – sem prejuízo da imprensa convencional, das grandes empresas de



comunicação – manter empreendimento individuais. E já temos alguns bons exemplos em Salvador e por todo o interior do Estado de uma imprensa nova, que nasce independente e com melhores condições de cumprir a função social dos profissionais dessa área.

Por último, gostaria de fazer uma provocação sobre o direito à informação. Mais especificamente, sobre o direito a uma informação preciosa que a sociedade brasileira ainda espera: os fatos que se sucederam neste País entre 1964 e 1985, durante a vigência da ditadura militar. Período em que vários jornais foram invadidos, quando imperou a censura, a violência contra esse princípio fundamental, que é o direito à informação.

É nossa intenção – e estamos trabalhando nesse sentido junto com a deputada Luiza Maia e a vereadora Vânia Galvão – trazer a Salvador a ministra Especial dos Direitos Humanos, Maria do Rosário, para fazer um debate sobre a Comissão da Verdade e o direito que a sociedade brasileira tem de conhecer a sua história. O direito de aprender com os erros do passado para garantir que, no futuro, outro período autoritário não tenha mais oportunidade de se instalar neste País, mas sobretudo aprender com tudo de errado que aconteceu naquele período, entregar às famílias as notícias sobre os seus parentes desaparecidos e devolver à imprensa o legítimo acesso a toda informação de interesse público que o Brasil precisa conhecer.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

**0941-I****Ses. Esp. 19/05/11****Or. Ricardo Luzbel****Comemoração ao Bicentenário da Imprensa na Bahia.**

A Sr^a PRESIDENTA (Luiza Maia):- Agora vamos ouvir o Sr. Ricardo Luzbel, presidente da Associação Baiana de Jornalismo Digital.

O Sr. RICARDO LUZBEL:- Boa-tarde a todos e à Mesa, na pessoa da deputada Luiza Maia, proponente desta sessão. Quero agradecer a esta Casa, que recentemente aprovou a entrada da ABJD no Conselho de Comunicação, no qual agora estamos inseridos. Não estávamos no início porque a associação foi criada há um mês e meio, mas solicitamos ao secretário Robinson a nossa inclusão por se tratar dum meio de comunicação novo. Nosso pedido foi atendido por ele, a Assembleia Legislativa aprovou e ficamos muito felizes.

Em primeiro lugar, queria dizer que, apesar de representar uma nova mídia, eu já tenho 28 anos na imprensa. Entrei em 1983 na *TV Itapoan*, onde fiquei durante 23 anos, e saí para me dedicar ao jornalismo digital quando há 6 anos, junto com Samuel Celestino, resolvi criar o *site Bahia Notícias* por achar que esse setor teria futuro. Acho que fiz a coisa certa. Durante estes anos o nosso *site* cresceu, outros *sites* surgiram e a internet se propagou. Sentimos dificuldade em criar uma associação para mostrar aos meios publicitários, empresários e governos a importância do nosso jornalismo. Por quê? Porque a grande mídia e o grande mercado publicitário ainda não têm pelo jornalismo digital uma visão muito qualitativa. Então criamos essa associação para buscar esse sentido.

Quero dizer a Marjorie que nós apoiamos em nosso estatuto o diploma. Uma das exigências para filiar-se à nossa associação é o DRT de jornalista ou radialista, porque no interior do Estado há falta de jornalistas formados. Portanto, abrimos esse precedente. É o início de uma luta. Ainda estamos nos trâmites legais da documentação, mas já está tudo o.k. Vamos fazer o lançamento em breve.

Hoje, vocês que estão aqui, nossos colegas que têm *site*, *blog* sabem das dificuldades, porque até há bem pouco tempo os grandes *sites* eram vinculados aos grandes veículos de comunicação, como o do *Correio*, o de *A Tarde*, o da *TV Itapoan*, o da *TV Globo*,



o *GI*. A dificuldade de quem tem um *site* que não é vinculado a uma grande empresa é muito grande para divulgar, buscar patrocínio e ter reconhecimento. Então, o intuito da associação é este: mostrar ao mercado e à sociedade a importância dessa nova mídia já tão difundida e que foi tão falada pelo professor Emiliano hoje. Para os senhores terem uma ideia, o *Bahia Notícias* tem fora do Brasil 150 mil acessos por mês. Logo, através das nossas notícias, a Bahia vai sendo levada para o mundo, o País e outras cidades.

Quero agradecer à Assembleia Legislativa por ter nos convidado para, pela primeira vez, fazer parte de uma Mesa tão importante como esta.

Muito obrigado. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



0942-I

Ses. Esp. 19/05/11

Or. Joviniano Neto

Comemoração ao Bicentenário da Imprensa na Bahia.

A Sr^a PRESIDENTE (Luiza Maia):- Com a palavra o nosso querido professor, Joviniano Neto, do Grupo Tortura Nunca Mais. (Palmas)

O Sr. JOVINIANO NETO:- Deputada Luiza Maia, eu a saúdo pela iniciativa que teve, a todos os deputados e a toda esta Assembleia Legislativa e, muito especialmente, a toda a Mesa e o Plenário, no qual se reúnem tantos colegas professores e jornalistas, basicamente, a maioria das pessoas que aqui estão ou são professores ou jornalistas, o que mostra a ligação entre a universidade e a imprensa.

O que une a universidade e a imprensa é a busca da verdade, a busca de informações confiáveis. Esse é um desejo de todo cidadão - falo para alguns que não são jornalistas ou professores - mas é a nossa vocação profissional específica.

Emiliano lembrou tanto pessoas, tantos companheiros das jornadas que estão aqui presentes - aqui parece uma reunião de companheiros de jornadas de luta de muito tempo. Não estou aqui como professor de Ciências Políticas da universidade, embora hoje, Emiliano, na minha sala de aula, a discussão seja a reforma política. Estou representando o Grupo Tortura Nunca Mais, que é o que sucede o Comitê Brasileiro de Anistia e que sucede o Comitê de Anistia e Direitos Humanos.

A luta pelo acesso a informações verídicas é parte da nossa luta ontem e hoje. É parte da nossa luta ontem e hoje a abertura de espaços para que todos os grupos sociais possam falar, a luta contra as várias formas de censura, as antigas e as atuais, é parte do nosso cotidiano.

Somos da geração que enfrentou a censura explícita da imprensa, inclusive, na Bahia, toda a imprensa esteve sujeita a censura através de bilhetinhos. O Brasil tem a tradição de usar eufemismos, ter títulos carinhosos para encobrir o autoritarismo. Nós da sociedade da imprensa aprendemos a ler e escrever nas entrelinhas, a aguçar os olhos para ver o que era feito na obscuridade dos porões.



A minha tese de doutorado foi a polêmica que a pena de morte perdeu e nessa Mesa, inclusive, estavam Emiliano José e Giovandro, que participaram da banca que examinou essa tese. O que estudamos nessa tese foi como a imprensa baiana abriu espaço para a polêmica sobre a primeira condenação à pena de morte na República do Brasil e o civil, em tempo de paz, foi Teodomiro Romero dos Santos e como essa polêmica teve espaço na imprensa no período mais duro da ditadura militar, 1971.

Diga-se de passagem, Emiliano já tinha cobrado antes que eu aprofundasse e analisasse mais o modo como a imprensa na época funcionava. Eram dois vespertinos e dois matutinos, porque os jornais eram em si atores políticos. Numa época em que os jornalistas ainda não eram formados em escola de jornalismo, eram praticamente formados dentro dos jornais, cada jornal com sua identidade, sua posição, sua linha, cada um era uma escola, apesar da censura, os jornais e jornalistas da Bahia retrataram e reagiram às informações dadas naquele período. Inclusive, é importante lembrar que um dos meus entrevistados para essa tese é o diretor de um jornal que foi fundamental na questão, Walter Pinheiro - entrevistado da tese, e a *Tribuna*, que na época trazia a modernização, inclusive em termos de fotos e imagens, foi na *Tribuna* que saiu uma foto que se tornou ícone no Brasil inteiro, uma foto de Teodomiro jovem, menino, jeito de adolescente, com soldados armados de metralhadora atrás, que desmistificou, quebrou a imagem programada do terrorista assassino que tinha sido excluído, preparado para inaugurar a pena de morte no Brasil.

Uma das conquistas que nós tivemos na Constituinte de 1988 foi o direito às informações verídicas, a obrigação de as autoridades fornecerem informações, inclusive com prazo, o direito inclusive *habeas data*. Mas a luta continua e eu vim aqui hoje para continuar a luta.

Neste mês de maio está fazendo uma ano que o projeto de lei 7376, que cria a Comissão Nacional da Verdade foi enviado ao Congresso Nacional. Para pressionar pela aprovação desse projeto, estão se organizando no Brasil comitês em prol da Comissão Nacional da Verdade. No dia 30 de maio, às 18 horas, na Ação Social Arquidiocesana, no Garcia, nas Doroteias, teremos uma reunião para discutir como se organiza, como vamos



participar dessa campanha nacional para criar, inclusive, o que seria um Comitê Baiano pela Verdade.

O companheiro Ernesto Marques já falou do desejo de trazer para a Bahia a ministra Maria do Rosário, que virá à Bahia de 14 a 16 para o Conanda. Já está agendada com ela uma reunião no dia 15 de junho, que nós queremos a mais ampla possível, exatamente para discutir, implantar a Comissão Nacional da Verdade, que é importante para nós, não apenas para que conhecendo a história não se repita a história. É importante para nós em termos da identidade do povo brasileiro. A memória é parte da identidade de cada pessoa, é parte da identidade de cada povo. Negar, esconder, reprimir a memória é manter traumas na sociedade como conjunto e naquelas pessoas cujo sofrimento não foi socialmente reconhecido.

De 24 a 29 de abril, o Comitê Estadual para Prevenção e Combate à Tortura e o Ministério Público fizeram uma Semana de Direitos Humanos e Saúde Mental. O depoimento dos peritos que vieram de outros lugares do Brasil, sobretudo dos psiquiatras, sobre os traumas até hoje presentes na memória dos torturados, é um negócio impressionante.

Esta semana soubemos... Como somos militantes, podemos passar algumas cobranças também ao governo do Estado. Soubemos esta semana da decisão do governo do Espírito Santo de abrir os arquivos policiais do período da ditadura. Então, este é o momento em que podemos cobrar – estamos aqui com o secretário da Comunicação, que pode transmitir – ao governo Wagner o avanço, o destravamento, se há algum emperramento, do bom projeto pensado pelo governo chamado Memórias Reveladas, que está enfrentando dificuldades para avançar. E, na medida em que o Espírito Santo abre seus arquivos, seria um momento adequado para a abertura dos arquivos policiais da Bahia no período da ditadura militar. É o modo de eu dizer com isso, com essas solicitações, que a luta continua.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



0943-I

Ses. Esp. 19/05/11

Or. Ivanise Tourinho

Comemoração ao Bicentenário da Imprensa na Bahia.

A Sr^a PRESIDENTA (Luiza Maia):- Passo a palavra à representante do secretário Estadual de Cultura, o companheiro Albino Rubim, Ivanise Tourinho.

A Sr^a IVANISE TOURINHO:- Boa-tarde a todos. Na pessoa da deputada Luiza Maia saúdo a Mesa e a todos os que estão presentes. Não poderia deixar de registrar, a pedido do secretário e do diretor-geral da Fundação Pedro Calmon... parabenizar a imprensa e lembrar que a imprensa foi criada no dia 14 de maio há 200 anos e a Biblioteca Pública do Estado da Bahia foi criada no dia 13 de maio, há 200 anos, também nós somos bicentenários, e vieram juntos justamente para a Biblioteca guardar todo o registro da memória dos jornalistas e da imprensa.

Parabéns a todos! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



0944-I

Ses. Esp. 19/05/11

Or. Pastor Sargento Isidório

Comemoração ao Bicentenário da Imprensa na Bahia.

A Sr^a PRESIDENTE (Luiza Maia):- Registro também a presença de Marcos Hélder, jornalista da nossa Metrópole; Raimundo Moura, diretor do Portal Abrantes; Esmeralda Santos Cavalcante, da Associação de Mulheres.

Agora o Deputado Pastor Sargento Isidório também quer fazer a sua mensagem. Com a palavra o deputado Isidório.

O Sr. PASTOR SARGENTO ISIDÓRIO:- Sr^a Presidente, senhores e senhoras da Mesa, digníssimos representantes da imprensa, de um modo geral, gostaria de, em primeiro plano, parabenizar a querida deputada Luiza Maia, que tem sido, não diria grata surpresa porque já conheço sua história política de Camaçari e de região, e V.Ex^a sendo esposa do homem público que é o Luiz Caetano, às vezes a gente brinca aqui e diz assim: ali é a esposa do prefeito – mas eu posso, por questão de justiça, dizer que V.Ex^a nunca dependeu de ser esposa do prefeito pra ter luz própria, pra ter inteligência, ter sabedoria e altivez e fazer a luta daqueles, principalmente, mais sofridos.

Queria saudar a Mesa mesmo já citando V.Ex^a, tendo certeza que já o fiz às mulheres, que mandam, sempre mandaram, e não estão tomando os lugares dos homens, apenas estão ocupando os seus espaços, porque a mulher é tão importante que o próprio Deus, criador de todas as coisas, escolheu muito bem escolhido a mulher para ser a guardiã e a mãe daquele que seria o Salvador do mundo e que morreria pelos nossos pecados, isto é por reconhecer o valor da mulher.

Mas não poderia deixar de citar nosso jornalista político, talvez seja o cargo menor que tenha político, seria a posição por causa de tudo o que acontece no mundo político, lamentavelmente, o jornalista Emiliano José, que é um professor da vida pública, um professor da dignidade, da lealdade, professor de tudo que é bom.

Eu tive a honra de no primeiro mandato estar aqui engatinhando, claro que muitos me conhecem pela polêmica dita pela imprensa muitas vezes, tenho certeza que não por essa



imprensa que está aqui. Eu quando vim aqui é porque vi que aqui tem uma imprensa preocupada com a verdade, preocupada com a seriedade, e vi também o nobre secretário de Comunicação Social do nosso governo estar aqui, parabenizo-o por ter conseguido sensibilizar o nosso governador para entender que a questão de imprensa, a questão de comunicação em nosso Estado não poderia ficar a nível de agência, e tendo principalmente na frente uma pessoa como V.Ex^a, comunicador, precisaria tomar o porte, sim, de secretaria. Então, a todos eu parabenizo.

E na data de hoje eu faço lembrança de um dia horrível na minha vida, véspera da eleição de 2002, quando fui chamado por telefone, assistia a televisão, onde lá estava alguém dizendo que um sargento, doido, que já tinha uma pessoa morta, desaparecida e o outro está aqui escondido, e essa pessoa quer, ainda, ser deputado, então, uma coisa muito ruim, véspera de eleição, o último dia, e quando foi no dia eleitoral estava lá jogado em todas as urnas um jornal também com uma página inteira com a foto de um pai-de-família, que está aqui hoje, e dizendo também que tinha matado, que tinha espancado, que tomava banho nu.

Então, aquela imprensa perversa, isso nos faz ir à reflexão, jamais representa os profissionais e as profissionais que tenho certeza que estão aqui, que fazem a imprensa da justiça, a imprensa da dignidade. Mas, como os maus profissionais estão em todos os cantos, eu tenho convicção de ao estar aqui eu estou tendo a honra de poder estar no meio de homens e mulheres excelentes, que fazem a imprensa da justiça.

Hoje, o meu filho me telefonou e disse: *“Meu pai, o senhor está na televisão fardado e o comunicador está dizendo que é uma vergonha.”* O comunicador apontava para uma foto minha fardado e dizia: *“Como é que pode, fardado!”*. Ontem, eu fui convidado para um programa de rádio, e eu estava com esta roupa. Mas mostraram para a Bahia inteira que eu estava lá, fardado. E ele dizia: *“com a farda da polícia, estava lá fazendo isso.”*

Eu quero mostrar o meu repúdio, principalmente aos dignos representantes da Polícia Militar, da qual tenho a honra de fazer parte, eu estava lá com esta roupa a convite de um digno jornalista, e não estava fardado. Então, a essa imprensa o meu repúdio, e a todos vocês quero render a homenagem, homens e mulheres honrados, principalmente na pessoa do presidente de associação de Imprensa, parabenizando também a nossa deputada. Continuem



com essa imprensa séria e honrada, e eu nunca vou desistir de orar para que Deus continue guardando vocês de todo o mal.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



0945-I

Ses. Esp. 19/05/11

Or. Walter Pinheiro

Comemoração ao Bicentenário da Imprensa na Bahia.

A Sr^a PRESIDENTE (Luiza Maia):- Vamos ouvir Walter Pinheiro, presidente da Associação Baiana de Imprensa e presidente do jornal *Tribuna da Bahia*.

Antes, quero registrar a presença de Antônio Carlos, assessor de comunicação do deputado federal Amauri Teixeira; do representante do Sindicato dos Enfermeiros e de Deraldo Pitombo, diretor do *Inforum* – União dos Usuários de Transporte Coletivo do Estado.

O Sr. WALTER PINHEIRO:- Sr^a Deputada Luiza Maia, a quem saúdo desde já em nome da Associação Baiana de Imprensa, seus integrantes e seus associados, pela feliz iniciativa desta sessão. Exm^o Sr. Secretário de Comunicação Social, Robinson Almeida, amigo, uma personalidade que aprendi a admirar nesses quatro anos de convivência. Uma amizade, como disse a ele recentemente, que foi construída de uma maneira muito firme, e o que me fez admirá-lo foi comparar o início da sua gestão, as pressões que lhe caíram à cabeça e aos ombros por não ser jornalista e ocupar um cargo que sempre foi privado para jornalista e, a partir daí, desenvolver um trabalho à frente da Comunicação Social do governo, reconhecido por todos como altamente eficaz e mesmo como um grande instrumento até da reeleição do governador Wagner. Dito isso pelos opositores. À medida que isso aconteceu, os preconceitos caíram, o talento ficou registrado e essa admiração cresceu. Meus parabéns, minha saudação. Ao saudá-lo, permitam-me os demais integrantes da Mesa que eu saúdo a todos, já aqui nominados.

Meus caros companheiros de imprensa aqui presentes, Srs. Deputados, minhas senhoras, meus senhores, já aqui sucedendo a brilhantes oradores que falaram sobre os 200 anos da imprensa, cabe-me mais agradecer por tudo aquilo de bom e de crítica que também ocorre em função do trabalho da imprensa na Bahia.

Mas quero também agradecer, de forma especial, me permitam, aqui também em nome da *Tribuna da Bahia*, órgão que tenho a honra de dirigir, pelas menções que foram



feitas, em especial pelo meu querido amigo e grande líder, deputado Emiliano José e o professor Joviniano Neto.

Em realidade, a *Tribuna* é um daqueles veículos que enfrentou a sua prova de fogo, seja no processo na luta pelo restabelecimento da plenitude democrática, seja no combate aos métodos arrogantes, autoritários que por anos dominaram a nossa terra, e devo lhe dizer, para terminar este agradecimento, que é um orgulho da *Tribuna* ter tido nos seus quadros a figura do jornalista, hoje deputado, Emiliano José, pela luta que ele enfrentou contra a ditadura, e podermos dizer que ele também integrou aqueles quadros, juntamente com tantos outros companheiros já aqui mencionados. E se faço isso meu caro Emiliano, esse agradecimento também vai em nome do amigo Joaci, que aqui não está, e tenho certeza de que vai também em nome da nossa querida companheira Carmelo, talento que aqui está presente, e em nome de um companheiro muito querido que não está mais entre nós, Jânio Lopo, outra figura de grande expressão na imprensa baiana.

Após esses agradecimentos, e sei que o tempo já está curto, mas não podeira deixar de fazer algumas reflexões que me parecem ainda necessárias durante essa gestão. O lançamento do Jornal *Idade do Ouro no Brasil* aconteceu em 1811 e, devo mencionar também, pelos editores Diogo Bivar e do padre Inácio Macedo, o Manoel Serva era apenas o dono da gráfica. Lógico que saindo em 1811 era um jornal que defendia a monarquia, e esse jornal teve apenas 12 anos de vida, porque em 1823, logo após ter acontecido a revolução, ele veio a se fechar. De lá para cá a imprensa cresceu muito.

Imprensa escrita. Durante muito tempo era um pleonismo, porque imprensa tinha que ser escrita. A imprensa tornou-se televisada, radiofônica, enfim, hoje digitalizada, e não há mais possibilidade de se controlar, não há mais possibilidade de se imaginar a dimensão da imprensa.

Recente seminário acontecido nos Estados Unidos, procurava identificar ou compatibilizar a vida de um profissional de imprensa, de um jornalismo profissional com um outro jornalismo que passou a surgir. Todos nós, agora, passamos a ser jornalistas, porque de posse de um celular, transmitindo imagens, transmitindo textos, transmitindo vidas nós



estamos fazendo jornalismo em qualquer canto do mundo e transmitindo aquilo para qualquer lugar do mundo.

Esse é um ponto para ser muito discutido, muito debatido, e a partir daí haverá muita necessidade de se discutir sobre ética no jornalismo, porque jornalismo sem ética é agressão. Da mesma forma que se defende a liberdade de imprensa, há de se enfatizar a necessidade da responsabilidade na divulgação dos atos, porque excesso de liberdade termina virando licenciosidade, e eu acho que ao fazer o jornalismo não se pode partir para a agressão descabida, para a colocação de fatos em horários que atingem os jovens. Enfim, há de se rever os aspectos que cercam a ética na prática do jornalismo. (Palmas)

Muito obrigado.

Então, essa é a preocupação que nós temos na própria Associação Baiana de Imprensa. Estamos agora iniciando um novo trabalho, substituindo o talentoso e famoso jornalista Samuel Celestino que por lá passou e está nos passando essa missão, e iremos nos desincumbir muito bem, não apenas na defesa da liberdade de imprensa, na consciência de que a imprensa é o grande pilar da democracia, e quando se começa a agredir a liberdade de imprensa, começa-se a agredir a democracia. Nós estamos muito atentos a isso, mas acima de tudo, à defesa do trabalho do jornalismo, o estímulo ao jornalismo investigativo, à discussão, através de seminários, sobre as medidas que precisam ser tomadas para o fortalecimento dessa imprensa, e pela abrangência que essa imprensa passou a tomar.

Isso são encargos dos quais estamos conscientes e que iremos tocar à frente com o apoio de todos os companheiros que participam da imprensa baiana, procurando adaptá-la à realidade deste grande mundo novo que aí está a serviço de todos nós.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



0946-I

Ses. Esp. 19/05/11

Or. Robinson Almeida

Comemoração ao Bicentenário da Imprensa na Bahia.

A Sr^a PRESIDENTA (Luiza Maia):- Registro a presença do representante do Sindicato dos Servidores Públicos Federais.

Vamos ouvir agora o nosso querido Robinson Almeida, secretário de Comunicação, representando o nosso governador, Jaques Wagner.

O Sr. ROBINSON ALMEIDA:- Boa tarde a todos. Quero cumprimentar todos os componentes da Mesa e saudar a iniciativa da nobre deputada Luiza Maia, que já demonstrou, em pouco tempo de exercício da atividade de deputada estadual – porque, em função do cargo, acompanho permanentemente as notícias desse Parlamento –, a sua capacidade de gerar fatos políticos, a sua capacidade de trazer para o debate aqui, nesta Casa, com repercussão na sociedade, temas tão relevantes para a nossa Bahia, para a nossa democracia.

A saúdo, dizendo que a minha expectativa é que V.Ex^a mantenha essa mesma performance não somente nos primeiros quatro meses, mas em todos os quatro anos, porque vai enriquecer bastante o Parlamento baiano e a democracia em nossa terra.

Quero saudar também o meu querido professor – perdoem-me os que são, efetivamente, da área, porque ele é o meu professor de política. Não é professor de Comunicação, porque não tive a felicidade de estudar com ele –, o nosso deputado Emiliano José, uma das grandes vozes baianas, hoje, no Brasil, a defender esse direito tão fundamental que é o direito à informação, à comunicação.

E vejam que assumir essa bandeira, muitas vezes, tem um preço muito alto, que é o de criar uma zona de aresta, uma zona de incompatibilidade com vários segmentos empresariais que podem interferir na produção de notícias e na imagem da atividade parlamentar.

Então, só aqueles que têm a coragem e o compromisso mais profundo com as causas democráticas colocam em risco toda a possibilidade de ter, em sua atividade



parlamentar, um combate incessante dos que não topam o debate democrático. Parabéns, então, ao deputado Emiliano pela criação da Frente Parlamentar e por todos os seus pronunciamentos e iniciativas no Congresso Nacional.

Eu falo isso, saudando toda a Mesa, para refletir com todos aqui, nesses 200 anos de imprensa, sobre o que é a imprensa, hoje, no mundo atual, o que é a imprensa, hoje, no Brasil. Imprensa foi o nome dado à produção de conteúdo noticioso, advindo da forma impressa, criada por Gutemberg há mais de 300 anos, quando ele pôs em funcionamento a máquina responsável por imprimir no papel, com tipos em forma de letras, o que as pessoas iriam ler. Foi o que nós conhecemos como imprensa originalmente.

E saúdo, mesmo na ausência, o professor Luiz Guilherme, que é um dos grandes baluartes da defesa da memória da imprensa nacional e da imprensa baiana.

E aqui já foi dito que a imprensa da nossa terra nasceu fruto da capacidade empreendedora de um português, Antônio Manoel, que, em 1811, adquiriu uma máquina na Inglaterra e imprimiu a primeira edição do periódico Idade d'Ouro, que foi o primeiro jornal impresso aqui.

E de 200 anos para cá, o que aconteceu com a imprensa? As transformações foram muito radicais. Mais de um século depois tivemos o advento do rádio, que a sociedade incorporou como uma outra forma extraordinária de se comunicar através da fala, da voz. É uma comunicação muito importante, porque vários setores da população brasileira, impedidos do acesso à educação, à alfabetização, também não podiam ter acesso às notícias. Estavam, portanto, excluídas desse bem básico, desse direito básico, que é o direito à informação. Ao estarem excluídos da alfabetização, também estavam excluídos da informação, e o rádio veio para democratizar, porque não precisava mais ser alfabetizado para receber a notícia.

É por isso mesmo que o rádio ainda tem uma força extraordinária na comunicação no Brasil e na Bahia. Acompanho também, por força do ofício, a dinâmica desse veículo. Temos cerca de 170 rádios comerciais na Bahia, uma outra centena de rádios comunitárias. E, não tenho dúvida nenhuma, é o rádio, hoje, o principal responsável pela produção de



conteúdo noticioso sobre o nosso Estado. As notícias que ocorrem nos municípios, os acontecimentos regionais, é ele que faz aquele fato propagar-se e chegar ao cidadão.

Sabemos que convivemos com a concentração de um outro veículo que surgiu cerca de 150 anos depois da fundação da imprensa, que é a televisão, que ainda é muito centralizada e concentrada em nosso País.

Temos aqui na Bahia redes de televisão que nos oferecem um conteúdo verticalizado, produzido nacionalmente. No máximo, cerca de 15% ou 20% do se vê na televisão é produzido no nosso Estado. Vemos bastante notícia do Sudeste do País, do Rio, de São Paulo, de Brasília, e assim muito pouco os baianos se vêem na televisão, temos pouquíssimas notícias regionais produzidas aqui.

A outra grande batalha para democratizarmos a comunicação é aumentar a produção de conteúdo regional, que tem de ser, no mínimo, de 30% tanto na televisão comercial quanto na pública. É um compromisso do nosso governo aumentar a produção de conteúdo regional, para que mais baianos possam se ver. A televisão é considerada por muitos teóricos a rainha das mídias, pela sua capacidade de unir não apenas o áudio, mas também a imagem, permitindo uma representação do real.

Lembro-me da leitura de um livro do professor Albino Rubim, aqui representado na Mesa, em que ele dizia que nas sociedades mais antigas, talvez na época do nosso empreendedor Manoel Antônio, o fato era testemunhado diretamente pelas pessoas. Havia um acidente na rua, algum tipo de briga, enfim, algum fato noticioso, as pessoas testemunhavam e dali faziam a narração do acontecido. Agora não existe isso. Você está na sua casa, uma equipe de TV registra o acontecido, e você consome esse fato a partir dessa mediação entre a televisão e o mundo real. E assim o indivíduo passa a ser um consumidor de notícia; não é mais uma testemunha dos acontecimentos.

Talvez por isso a televisão tenha essa capacidade enorme de influência na conduta e na vida das pessoas.

E agora assistimos a uma verdadeira revolução tecnológica com o surgimento da internet, da rede mundial. E daí toda uma modificação que colocou novos paradigmas,



porque a internet não é apenas um veículo, é também uma mídia, um conteúdo. Ela funde todas as coisas.

Nela você tem texto, imagem, som, audiovisual, enfim, toda uma plataforma de possibilidades. E acho que esse é o futuro da imprensa. Assim ela era conhecida no seu nascedouro, depois foi chamada de jornalismo, em seguida de comunicação, e hoje é conhecida como mídia. Ou seja, assume vários nomes, várias formas, está em constante evolução.

Já que a metáfora das idades foi utilizada aqui pelos oradores, devo dizer que, mesmo depois de 200 anos, a nossa imprensa me parece ainda uma jovem senhora. Acho que essa é bastante atual. Digo jovem porque ninguém pode prever qual o futuro que está se descortinando com o processo da tecnologia e da digitalização na comunicação. Já foi dito aqui que celular não é apenas o aparelho que você fala e ouve. É o aparelho que você filma, grava, fotografa, envia mensagens, assiste televisão e ouve rádio. Então, tudo tem uma convergência digital e ninguém sabe o que irá acontecer com este mundo tecnológico.

Lembro-me de que o DVD, há pouco tempo, cerca de duas décadas, era novidade da moda, todo mundo queria ter um DVD. E tão precocemente deve estar preenchendo alguma sala de museu, porque você não tem mais aqueles da primeira geração, naquele formato de discos que eram utilizados para reprodução do conteúdo. Cada vez mais, isso foi simplificando, e hoje você tem um *pen drive*, você tem um *chip*, um minúsculo equipamento tecnológico que vai compondo o processo de reprodução da informação.

É este futuro que está aberto. São estas possibilidades que colocam a imprensa ou a comunicação ou a mídia ou o jornalismo, como queiram utilizar, permanentemente atual. Seja qual for a plataforma, seja qual for a forma e o meio das pessoas contarem as notícias e reproduzir os conteúdos, certamente isso vai estar vinculado a uma necessidade presente das sociedades contemporâneas, que é a necessidade de se integrar, de se comunicar, de interagir, de ter pertencimento. Hoje é uma ferramenta indispensável no desenvolvimento das relações sociais, humanas e culturais.

É esta a avenida de oportunidades que continua aberta para ser objeto da nossa agradável aventura humana. É óbvio, convivendo isso com todos os elementos que fazem



parte da experiência de comunicar e de produzir conteúdo com as suas repercussões em outras esferas. Todos já dizem que a imprensa ou a comunicação é um outro poder. Existem os três Poderes constituídos da República e este é o quarto poder. E por ter esta importância, há todo um debate de como é que este poder se media com os outros e como é que ele se relaciona com o conjunto da sociedade.

Por isso mesmo é que já foi dito aqui que há toda uma discussão e uma necessidade de atualização da nossa legislação. Uma necessidade de debate sobre como é que a sociedade brasileira opina sobre este tema. Ele é carregado também de preconceito, de vetos. Toda vez que se diz que vai discutir a mídia no Brasil, tacham-se aqueles que se propõem esse debate como censores. Acho que isso é uma censura de quem o faz, porque interditar o debate, interditar a discussão talvez seja uma censura superior a pretensa do que se queira advogar ou defender.

Por isso mesmo é que tivemos na Bahia a ousadia de convocar a primeira conferência de comunicação. A partir da orientação do governador Jaques Wagner, entendemos que comunicação tem que ser tratada como a saúde, a educação, a segurança, a habitação e o transporte, tudo isso que é direito do povo e dever do estado fazer com que ele chegue à sociedade. Nada mais correto e justo para um governo democrático, que faz da experiência da participação popular o método de produzir políticas públicas, que convoque o povo para discutir. Fizemos de forma pioneira, recebendo pressões de vários segmentos contrários a esse tipo de democratização. Para a nossa surpresa, mais de duas mil pessoas participaram dos debates e fizemos de forma inaugural a primeira experiência de conferência de um estado nacional. E isso foi muito importante para que o governo federal convocasse, em 2009, a Conferência Nacional de Comunicação.

Escrevemos um capítulo importante na história da democratização e acho que acabamos de escrever um outro, e esta Casa foi protagonista, decisiva, que foi a criação do Conselho Estadual de Comunicação. Digo que a criação do conselho, assim como a criação da Secretaria de Comunicação vieram do processo de diálogo com a população. As duas principais resoluções na primeira conferência que fizemos em 2008 e na segunda, em 2009, essa aí já preparatória da conferência nacional, as principais resoluções foram a criação da



Secretaria Estadual de Comunicação Social e a regulamentação do Conselho Estadual de Comunicação. Portanto foi do processo de consulta popular, da discussão com segmentos sociais, com os veículos. E tratamos isso de uma forma bastante tranquila. Convocamos todos os empresários, todos os movimentos sociais, para fazer o debate, a discussão. E fizemos isso de uma forma tão transparente que esta Casa aprovou por unanimidade a criação da Secretaria e do Conselho Estadual de Comunicação criando novamente, na vanguarda do Brasil, instrumentos institucionais de produção de política de comunicação inéditos. Essa experiência institucional aqui não existe paralelo no Brasil. Creio que isso vem muito dessa nossa capacidade de movimento social, do governo e do conjunto de outros atores políticos, do Parlamento, de produzirem as transformações no Brasil e na Bahia levando a comunicação como parte dessas transformações.

Então concluo, deputada, agradecendo pelo espaço, desejando que esse tema seja objeto permanente de defesa, a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa. Somos radicalmente democratas. Nós não concebemos nenhuma democracia sem liberdade de imprensa, sem liberdade de expressão. E vamos continuar aprofundando, no âmbito do governo, na área da comunicação social, todo esforço para que a comunicação da Bahia e a comunicação brasileira seja cada vez mais democrática, participativa e seja entendida pelo povo como um direito.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 19/05/11

A Sr^a PRESIDENTA (Luiza Maia):- Secretário, obrigada também.

Está conosco o Sr. José Ferreira, do jornal e do site *Bahia Notícias* e da revista *Única*; o vereador Charles Bonfim, presidente da Câmara de Vereadores de São Miguel das Matas; Renato Dantas repórter da *Baiana FM* e da Rede Baiana de Comunicação; Paulo Cosme, diretor e apresentador da *TV Conexão* de Camaçari.

Está aqui presente conosco o nosso companheiro Ed Vox, cantor e comunicador através da mensagem do reggae.

Pois é, gente, estamos chegando ao final da nossa sessão. Quero agradecer a presença de todos, dizer que eu fiquei muito satisfeita com esta sessão, com esse debate.

Quero agradecer ao nosso secretário, enviar um abraço ao nosso governador, a todos que estiveram conosco nesta Mesa.

Acho que esta Casa cresceu com essa discussão e assumo o compromisso de implementar esse debate, de prosseguirmos envidando essa discussão. Faço minhas as palavras do secretário as quais achei muito procedente, muito importante.

Então um abraço a todos. Declaro encerrada esta sessão agradecendo a presença de todos que estiveram aqui conosco.